

Resenhas Críticas

LINHARES, Célia Frazão. *A escola e seus profissionais* : tradições e contradições. 2. ed. Rio de Janeiro : Agir, 1997.

É por meio de lentes que conjugam as contradições às tradições, os movimentos aos padrões instituídos, que a professora Célia Linhares apresenta neste livro uma releitura original e instigante da problemática da escola e de seus profissionais. O texto é construído de modo retrospectivo e prospectivo, pois, ao mesmo tempo em que reconstitui a memória da escola brasileira e da formação de seus profissionais, vislumbra horizontes capazes de, no jogo das tradições e contradições, alargar as possibilidades de inserção das classes populares e de sua cultura na escola pública brasileira.

O livro, assentado em sólida reflexão de filosofia política e pedagógica, apresenta na introdução um pressuposto essencial de sua argumentação, qual seja, a afirmação de que é preciso sacudir os conformismos da tradição, que tendem a forta-

lecer estereótipos da escola como uma instituição privativa da elite, para apresentar, por meio da análise de tantos paradoxos sociais também presentes na escola, outras perspectivas que possibilitem ampliar os espaços de autonomia dos profissionais da educação e das classes populares que freqüentam e buscam reconhecimento em termos culturais e sociais dentro de um tipo de escola que as nega e as sujeita.

A temática da sujeição/emancipação e de seus condicionantes históricos é um dos eixos organizadores do capítulo I, que resgata a memória da formação de professores no Brasil nos contextos da pré e da pós-ditadura, com seus apelos para a democracia. Aqui o livro restabelece os embates e as contradições que popularizaram a escolarização e forjaram os professores como sujeitos históricos, organizados em movimentos

de crítica e de resistência as orientações das políticas educacionais oficiais, e que resultaram, por exemplo, na criação da primeira entidade que mais tarde resultou na Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (Anfope).

O capítulo II aprofunda a discussão sobre os profissionais da educação. Destaca a necessidade de se romper com os padrões excessivamente tecnicistas, hierarquizados e, principalmente, de se superar os particularismos, que roubam conexões fundamentais do ensino, da orientação e da supervisão, por menosprezarem a responsabilidade pedagógica de refazer a cultura e dar sentido político à escola.

O capítulo III constitui um excelente trabalho de identificação crítica da problemática da escola pública, para repensá-la no empenho de responder aos desafios atuais, tais como: a apropriação das tecnologias até aqui hegemonicamente submetidas às políticas capitalistas e neoliberais, influenciando decididamente na problemática do desemprego crescente e de formas múltiplas de exclusão social, cultural e educacional. Mas não pára aí. A auto-

ra considera também a velocidade na produção das informações e no circuito destas, desafiando a escola a filtrá-las e a traduzi-las de modo a nutrir os sujeitos pedagógicos.

No capítulo IV, encontramos uma discussão pouco freqüente, mas extremamente necessária para a historiografia brasileira: uma discussão sobre a Escola Normal que construímos, forjando imagens passadas, românticas, presentes na música popular brasileira, que nos dão notícias do investimento social feito na carreira docente. O que poderá nos ensinar o confronto com a imagem do professor dos nossos dias?

O livro encerra-se com um capítulo que nos convida a nos aproximarmos da epistemologia, sugerindo-nos uma especial delicadeza para nos apropriarmos das lutas e da própria cultura popular, sem declinarmos do legado da erudição teórica que se entrelaça aos diferentes campos do saber. Esta articulação não pode dispensar a atuação de sujeitos do conhecimento, os quais, certamente, mantêm viva a curiosidade por suas relações com os compromissos éticos que os animam: "A voz e o lugar da escola só poderão

ser garantidos se não abirmos mão da complexidade do conhecimento, implicando relações entre sujeitos e objetos. Sujeitos que descobrem, emprestam sentidos; percebem, compõem e repõem significações para suas aprendizagens; que elaboram a apreensão das letras sem perder o espírito que as anima".

Como palavras finais, gostaria de dizer que o livro vale pela lucidez e coragem com que analisa e apresenta pistas de esperança e pelo desenvol-

vimento de argumentos convincentes sobre o lugar da escola pública e a importância de seus profissionais - sujeitos históricos que vêm elaborando a especificidade escolar, à medida que assumem o desafio de construir uma escola onde caibam todos os brasileiros que dela precisam, com seus múltiplos sonhos de emancipação.

Maria Cristina Leal
Universidade Federal
Fluminense (UFF)